

ZÉ LINS

13-9-57

Ao abrir a máquina para escrever sobre José Lins do Rêgo sinto uma tristeza tão desanimada que o meu gosto mesmo seria deixar essa morte em silêncio. Escrevo com o sentimento de quem está cumprindo um dever, este triste dever de cronista; faço uma certa violência a mim mesmo para dar conta desta obrigação.

Não sei porque, me lembro agora de dois encontros nossos, entre mil outros. E deixo ao acaso ou ao inconsciente essa escolha de evocações. Uma vez me encontrei com Zé Lins na Livraria José Olímpio, como acontecia todo dia através dos anos. Carlos Lacerda tinha escrito um artigo na «Revista Acadêmica» atacando Gilberto Freyre, e José Lins estava indignado, com a revista na mão. O ataque ao amigo o ferira como um insulto pessoal. Chamou-me gritando, quando me viu. Falou do artigo. Disse que se alguém escrevesse sobre ele assim, reagiria a chibata. «A chibata!» — gritava. Fosse quem fosse que escrevesse! «Mesmo, se fosse você! Eu lhe cortava a cara de chibata!». E brandia a revista na minha cara.

A certa altura não aguentei mais: os caixeiros e alguns fregueses nos olhavam espantados, naturalmente pensando que ele estava me ameaçando. Agarrei-lhe os pulsos e dei também uns critos, reagindo. Eu não era Carlos Lacerda nem Gilberto Freyre, não tinha nada de ouvir desaforos. Ele caiu em si e me abraçou; sob o olhar espantado dos presentes saímos para tomar um café...

Essa capacidade de ser amigo, essa devoção, era muito Zé Lins. Lembro-me de que o artigo de Carlos Lacerda não continha nenhum insulto pessoal; era um ataque simplesmente político.

Outro momento de Zé Lins que me acode agora foi em sua casa. Nenhuma palavra precisa o marcar. Apenas me lembro desse almoço: ele, Naná, duas filhas e eu. Era a primeira vez que via o homem assim, no aconchego de sua casa, então desfalcada apenas de uma filha, que se casara. Senti aquele carinho de três mulheres em sua volta, e a tranquila delícia que ele fruía desse envolvimento feminino. Estava feliz. Não sei porque, a partir desse dia aumentou meu carinho por Zé Lins.